

# **“Cresci no abrigo. E agora?”**

Roseli Izabel Schuster [1]

## **Introdução**

Indiscutíveis as nefastas conseqüências do abrigamento prolongado na vida de crianças e adolescentes.

*“A institucionalização prolongada impede a ocorrência de condições favoráveis ao bom desenvolvimento da criança. A falta da vida em família dificulta a atenção individualizada, o que constitui obstáculo ao pleno desenvolvimento das potencialidades biopsicossociais da criança. A submissão a rotinas rígidas e o convívio restrito às mesmas pessoas comprometem o sadio desenvolvimento da criança, além de limitar suas possibilidades e oportunidades de desenvolver relações sociais amplas e diversificadas. A dinâmica institucional aprisiona a criança e não a protege da angústia de, mais tarde, enfrentar o mundo externo, que se lhe afigura misterioso e desconhecido.” (2)*

Inadmissíveis as “razões/explicações” (não justificáveis) para que isso continue ocorrendo.

*“Não se pretende afirmar que as instituições sejam um mal, pois muitas vezes cumprem o papel de proteger as crianças, afastando-as de inúmeras situações de risco, tais como maus tratos, negligência, abusos físicos e sexuais, às vezes sofridos no próprio seio familiar.” (2)*

Insanos muitos dos motivos de abrigamento e permanência de crianças e adolescentes em abrigos.

*“Pelos características das crianças e adolescentes atendidos nos abrigos, notadamente emergentes de situações que denotam exclusão social, verifica-se a necessidade de se regulamentar a porta de entrada dessas instituições. O principal motivo para o abrigamento é o relacionado à pobreza, segundo pesquisa do IPEA, realizada em 2003.*

*Não raro, nos abrigos, a criança permanece anos aguardando uma definição, sem saber se será reintegrada à família de origem, colocada em família substituta através de adoção ou mesmo se permanecerá na instituição sem perspectivas de acolhimento familiar.” (2) ... a pesar da nova lei...*

Incoerente a legislação que prega a proteção e materializa a revitimização.

*“Embora a legislação defina a medida protetiva de abrigo como excepcional e transitória, o cotidiano revela realidade diversa. A aplicação indiscriminada da medida de abrigamento, antes de analisada a pertinência das outras medidas protetivas elencadas no art. 101 do ECA, findam por violar o direito fundamental à convivência familiar.” (2)*

Inquestionável a necessidade de investimento na família de origem, família substituta, família acolhedora, família adotiva.

*“De acordo com os dados do CNA, os adotantes (pretendentes a pais adotivos) preferem crianças do sexo feminino, de até 3 anos de idade, branca e sem qualquer doença (Publicado em 26/04/2009 | Gazeta do Povo / THEMYS CABRAL)”*

---

(1) Psicóloga, formada pela Universidade Católica do Uruguai, Especialista em Violência Doméstica Contra Crianças e Adolescentes pelo Instituto de Psicologia da USP.

(2) Mônica Rodrigues Cuneo “ABRIGAMENTO PROLONGADO: OS FILHOS DO ESQUECIMENTO - A Institucionalização Prolongada de Crianças e as Marcas que Ficam” - <disponível em [www.sbpj.org](http://www.sbpj.org) - acessado em 17/06/09>

**MAS... e apesar de...**

**CRESCI NO ABRIGO.**

**E AGORA?????**

**C.**, 20 anos, 11 anos em abrigo.  
**T.**, 18 anos, 15 anos em abrigo.  
**G.**, 21 anos, 11 anos em abrigo.  
**V.**, 19 anos, 13 anos em abrigo.  
**L.**, 21 anos, 10 anos em abrigo.  
**H.**, 20 anos, 12 anos em abrigo.  
**M.**, 20 anos, 11 anos em abrigo.  
**A.**, 20 anos, 13 anos em abrigo.  
**F.**, 18 anos, 12 anos em abrigo.

Partimos da realidade de centenas de jovens que passaram mais da metade de suas vidas em instituições de abrigo. Realidade esta que, infelizmente, outros estão vivendo, e outros viverão.

Como dito a princípio, não se questionam as implicações e conseqüências do abrigamento prolongado, do abrigamento em si, e menos ainda da importância e necessidade da convivência familiar e por ende, das opções de guarda subsidiada, família acolhedora, famílias substitutas, família extensa, famílias adotivas para aquelas crianças e adolescentes impossibilitados de conviver e crescer no seio de sua família de origem. Contudo, e apesar disso, centenas de jovens viveram e vivem uma situação consumada. E é desses jovens que queremos falar, são estes jovens que queremos ouvir. Os filhos e filhas dos inúmeros abrigos, com modelos e gestões diferentes que existem em nosso país. Eles estão aí. E precisamos de muita coragem e humanidade para ouvi-los pois certamente nos depararemos com muitas histórias das quais fizemos e fazemos parte e que, talvez neste momento, gostaríamos que tivessem sido diferentes. Mas... não se muda o passado. Dele se aprende...

*"Todos tem suas fases, todos vivem suas fases então deixe-nos cuidar de nossas vidas, cuide-nos e nos ame que com certeza dias melhores virão. Toda a tendência é evoluir, nós somos os frutos dos seus ensinamentos, nós não somos nada mais do que os filhos que vocês criaram não importa como vamos ser vocês são nossos "pais"". ( C.S. - 16 anos )*

CS ingressou no abrigo aos 6 anos e 8 meses, permanecendo 11 anos em instituição de abrigo. Saiu ao completar 18 anos.

Nós, que há muitos anos trabalhamos com entidades de abrigo, crescemos, amadurecemos, estudamos; hoje temos mais conhecimento, mais experiência, estamos melhor preparados.

Nós, do poder judiciário, temos atualmente mais recursos legais, financeiros, humanos e estruturais. A legislação avançou. Há maior disponibilidade para as mudanças necessárias. Há maior abertura e apoio para fazer acontecer estas mudanças.

Nós, das esferas governamentais (federal, estadual, municipal) possuímos hoje maiores recursos para fiscalizar, acompanhar, implementar ações que redundem em melhoria no atendimento a crianças e adolescentes.

Nós, sociedade, temos hoje mais possibilidades de conhecer o funcionamento dos abrigos, a problemática das crianças e adolescentes que os habitam, temos maiores possibilidades de saber de sua existência. Temos espaço para o controle social através dos conselhos, comitês, comissões, mídia, etc. Nos é mais difícil ignorar, senão esta realidade, pelo menos sua existência.

Nós, integrantes do sistema de garantia de direitos das crianças e adolescentes, contamos hoje com maiores recursos, em todos os níveis e aspectos da defesa e garantia desses direitos: uma sociedade mais participativa, maior

consciência social, uma legislação mais adequada, uma condição orçamentária melhor, conselhos, controle social.

Nós, estudiosos das causas da criança e do adolescente, percebemos hoje, numa linha do tempo, o avanço histórico-social e político no próprio conceito de criança/adolescente e na abordagem dos temas referentes a crianças, adolescentes, família, abrigo, sociedade.

Mas... não sejamos simplistas na análise e nem excessivamente otimistas ante a realidade deste século. Não nos enganemos. Analisando hoje a realidade dos abrigos, os programas de apoio às famílias, as diferentes problemáticas que envolvem crianças e adolescentes vítimas de violação de direitos, impõe-se uma reflexão que nos leva além dos avanços mencionados acima e conclui na constatação de que muito há a ser feito em todas as áreas.

Não quisera cair na simples listagem das dificuldades, incoerências, retrocessos e estancamentos que continuam vitimizandando e revitimizando crianças, adolescentes, jovens e famílias. Por esta razão e pelo profundo respeito aos "retalhos" de histórias de vidas em pastas, que partirei das reflexões surgidas no contato com a vida dos protagonistas desta pesquisa: os jovens.

### **VIDAS EM PASTAS, RELATÓRIOS, OFÍCIOS...**

*"Lendo a ficha de acompanhamento de R (transcorrido um ano e meio), tudo registrado... pensei no meu filho... sou tão atenta a tudo o que ele faz mas... não anotaria nem metade... a maioria dos "dramas" já devem ter acontecido e foram esquecidos".*

Não é possível nem imaginar nossa vida toda registrada, o que você diz, o que você faz, muitas vezes "na intimidade" de sua casa, anotado, por outra pessoa, sem pedir sua permissão. E depois lido por... 2, 5, 10 pessoas diferentes, algumas sequer o conhecem pessoalmente. E as conclusões, interpretações que redundam em decisões à sua revelia...

*"Sua vida está toda compartimentada, separada em pastas, partida, dividida numa tentativa de ordenar, mas..., confusa".(sobre/E)*

Ordenada e organizada para outros entenderem. O técnico recém chegado, a entidade para onde foi transferido, os estagiários para entenderem, os juizes, promotores, assistentes para conhecerem e decidirem... por você. E você? E a sua ordem, sua vida, sua confusão...

*"Uma sensação de tormento, de busca desenfreada, de infundáveis tentativas..." (sobre/D)*

Quando isso vai acabar? Onde isso vai acabar? Onde estão as respostas que acalmarão teu coração? Onde estás agora? Dolorosamente eu sei... estás numa cela... esperando ser julgado.

*"Que efeitos têm sobre uma criança o fato dela 'perder-se' e ninguém vir procurá-la. Que filho era este que ninguém sentiu falta...." (s/G)*

E passaram-se 16 anos... e ainda ninguém veio procurá-lo.

*"Ao terminar de ler a 'pasta' de G uma sensação de muitos vazios... de silêncio... de um continuum de espaços..." (s/G)*

Como preencher estes espaços que foram anos de 'páginas em branco', onde buscar a história destas páginas... quem irá resgatá-las já que... foram escritas!

*"Todo mundo se sente no direito de fazer um 'relatório' seu..."  
"qualquer um pode 'ler' sua pasta, ver suas fotos, seu boletim, ler suas cartas..." (s/P)*

Individualidade, intimidade, segredos... quem os pode ter? Seu mais íntimo se torna público, tema de discussão, 'análise de caso', tema de intervalo de palestra, muitas vezes banalizado, muitíssimas vezes não entendido, grande parte das vezes julgado, e não poucas condenado. E você sequer pode escolher com quem queres compartilhar teus momentos mais íntimos... esta escolha tão importante que coloca aquela pessoa que escolheste num lugar especial, pois somente a ela permitirás conhecer-te profundamente, desarmado... esta escolha te é negada. Teu particular é "público".

*"Muitos vazios para uma história de vida..." (s/P)*

Oxalá os vazios da 'pasta' estejam preenchidos em sua memória...

*"Senhores técnicos, educadores, juízes, conselheiros, coordenadores, presidentes, mães sociais, motoristas, administrativos, diretores, como seria se alguém fizesse um diagnóstico/relatório de cada crise/atitude que tomásseis, fazendo um corte e analisando 'aquele exato momento'?" "quantos estaríamos internados em hospitais psiquiátricos... ou presos..." (s/P)*

Foi um rompante, um descontrole, um fato isolado, uma consequência de determinadas circunstâncias, uma situação comum, enfim... ficará na sua memória e na das outras pessoas presentes naquele exato momento... mas certamente não registrado e liberado para ser lido... comentado... analisado... julgado...e, muito provavelmente, lembrado muitos anos depois.

*"Vidas em pastas... vidas em pedaços..." (s/I)*

Como e onde buscar o elemento aglutinador? Quem buscará?

*"Até onde os pais somos responsáveis pelas pessoas que nossos filhos se tornam?... até onde as instituições são responsáveis pelas pessoas que as crianças e adolescentes se tornam?..." (s/E)*

E podemos perguntar, até onde nós, sociedade, somos responsáveis por esta geração de jovens "violentos, alienados, criativos, que não tem valores, que buscam novos caminhos, que não sabem pensar, que são consumistas, que nunca estão satisfeitos, que são individualistas, imediatistas, cibernéticos, etc..." É a velha história o filho bonzinho é meu, o filho 'problemático' é seu?? Eu ensinei ele é que não aprendeu??? É culpa das influências??? Da mídia??? Do 'entorno'??? Do capitalismo?? Da direita?? Da esquerda??

*"Como é possível alguém dizer que sabe o que você está sentindo..." (s/R)*

Mesmo com a melhor das intenções, mesmo acreditando no que diz, é uma falta de respeito! Mesmo que vivas o que eu vivi, não sabes o que estou sentindo!!! Até porque não me perguntaste! E eu desconfio até que não te interessa... Revise seu manual...

*"Como um 'relatório' pode transformar um poeta em um 'jovem que não consegue sentido de vida em seu futuro'?" (s/CS)*

Quantas afirmações e conclusões "levianas", embora "técnicas", sobre toda uma vida. Quantas afirmações congelam uma história de vida e transformam um best seller em um livreto de quarta. Quanta onipotência... para conhecer, decidir, exercer "poder" sobre a vida de outrem... Quantos estragos...

*"... Nada possui..." (s/L)*

Qual será a sensação de nada possuir?... em um determinado momento e condição de vida isso pode significar uma libertação... se nada tens, nada perdes... mas para uma criança de seis anos... "nada possui"...

*"Qual o significado do tempo?... Quando você vê um ano de páginas em branco, silêncio em sua vida.... um ano de processo parado..." (s/M)*

Novamente o desejo de que o que você não pode preencher com informações que não constam, ele tenha como lembrança. Que este vazio da pasta não reflita o vazio de sua vida...

*"A eterna espera pela volta da mãe..." (s/M)*

E quando ela volta, você já cresceu... mas ainda é aquele menino pequeno que acredita que agora "tudo será diferente"... ela está de volta, ela é algo "seu". Então ela vai embora novamente, com a promessa de voltar para te buscar. Mas você já conhece esta promessa... você sabe que a espera será vã...

*"A incessante busca por uma família... o incansável desejo de sentir-se filha/filho..." (s/R).*

Que impotência, que dor, que sensação de inatingível ver os anos passarem e este desejo ardente nunca se concretizar... e ver cada vez mais longe a possibilidade de que aconteça... e no menor sinal de possibilidade sentir que a chama da esperança reacende e você volta a acreditar que é possível. Que será dessa vez. E outra vez não é. E você diz que agora não vai mais buscar nem esperar... mas lá no fundo a brasa permanece acesa e ao menor vento, voltará a ser uma chama.... talvez para apagar-se novamente... e mais uma ferida... e outra cicatriz.

*Qual é o preço de uma rejeição?... difícil entender... para quem um pai, uma mãe devolve o filho/filha num momento extremo? Quando ele/ela faz aquilo que você disse que jamais admitiria... Como veio de si mesmo só poderia devolvê-lo ao seu útero. Não dá para imaginar... não dá para cogitar a idéia. Então, como entender que uma família "devolva" uma criança que foi adotada ou acolhida?.... Como "enterrar" na criança todos aqueles desejos realizados, aqueles sonhos e projetos finalmente construídos a partir de uma realidade: "agora tenho **minha** família" (s/N)*

É necessário fomentar uma cultura de solidariedade, onde pai, mãe e filho sintam vontade de oferecer a quem não tem a mesma possibilidade que eles vivem de ter uma família. Talvez seja necessário que aquele que tem uma família primeiro perceba seu valor, e depois acorde para a realidade daqueles que não a tem. Mas, solidarizar-se através de uma campanha que de alguma maneira provoca um sentimento de "obrigação" diante da realidade "estampada" e como tal inegável, não é suficiente para manter uma "boa ação", um "desejar compartilhar o que tem". É necessário o sentimento, sem dúvida, mas a decisão é fundamental. O sentimento na convivência pode transformar-se em fúria, em mágoa, em desprezo, em arrependimento, etc. Só o que poderá manter um acolhimento/adoção é a decisão, tomada diante do conhecimento da realidade, dos riscos, da escolha diária por aquela criança/adolescente. De não ser assim... melhor cuidar de sua própria família...

*"... Cadê um ano de vida dessas crianças?... deve estar na memória de alguém..." (s/M,S,A,T)*

.....  
*"Rebeldia, conflitos, desafio às regras, à autoridade! É tão.... tão... tão adolescente!!!! Por que a crise?????" (s/JF)*

É do processo de adolecer. Não do adolecer no abrigo, mas adolecer. Então, por que o drama muiiiiiito maior, as respostas muito mais rígidas, as expectativas exageradas, as sanções, ultimatoss, ameaças. Um processo natural, que faz parte deste ciclo do desenvolvimento humano, complicado, conturbado, hormônizado... por que o drama?? Prepare-se para ele! Você é o adulto, o técnico, o profissional. O "pichi" é prerrogativa do adolescente...

*"... pasta quase "vazia".. poucas palavras escritas em 8 anos. Poucos ofícios, poucos relatórios. Será que isso é bom?..." (s/C)*

*"Nenhum ofício... ninguém... nem juiz, nem promotor, ninguém perguntando sobre as providências tomadas em relação a esta criança....."*  
(s/V)

Será que ela foi esquecida no abrigo??

*"Tem coisa mais deprimente que clips enferrujado?"... (s/D)*

Significa que esteve ali, segurando aqueles papéis durante muitos anos. Há muito tempo ninguém os lê...

*"outra pasta cheia de fotos, lembranças, boletins... o mesmo sentimento de angústia... a quem pertence?" (s/G)*

Abrijo não é casa, casa não é lar. Não é uma casa onde você deixa suas coisas ao sair para viver sua vida de forma independente e, quando está "instalado", ou quando em uma das visitas revê todas aquelas lembranças (fotos, boletins, cadernos antigos, livros) resolve que as quer em sua casa. Enquanto isto não acontece você sabe que suas coisas estarão bem cuidadas pois são como parte de você e são guardadas com muito carinho. Estarão ali, a sua espera. No abrigo, uma instituição, suas coisas estarão em uma pasta durante um tempo... depois, ocupará muito espaço e será necessário liberar para outros que estão vindo. Ou não, depende do abrigo...

*"... Maria... desistiram dela aos 13 anos...." (s/M)*

Quantos obstáculos superaste por que "alguém" apostava em você. Quantas derrotas transformadas em incentivo porque "alguém" não desistiu de você. Mas da Maria desistiram... em cada relatório onde aparecia que "não se podia fazer nada" "ela não aceitava ajuda" "a família não assumia" "a família não queria mudar" "ela gostava da rua" "não se adaptava", "contagiava os outros", "etc, etc.", Maria se transformava mais e mais em "alguém que não tem mais jeito". E quanto mais se repetia as entradas e saídas das instituições de "proteção e atendimento", menos era vista... menos espanto causava seu estado... chegava maltrapilha, dias na rua sem banho nem alimentação direito, e rebelde. Sempre rebelde! "mal educada", "mal agradecida"... as repetidas aparições a transformavam em lugar comum, já não causava indignação sua situação. Há, era apenas Maria, a "velha" (de 13 anos) e conhecida Maria... que já não tinha jeito... que não queria nada com nada... ela mesma dizia: "não dá nada, tia".  
E desistiram de Maria... aos 13 anos...

*"Não se atreva a ler uma pasta, uma ficha, um pedaço de vida, como se fosse o jornal de hoje, que você lê, comenta, descarta e espera o de amanhã!" (s/vários)*

Sem comentários....

*"São tantas jóias encerradas nas palavras escritas (pelos protagonistas) das pastas que é uma pena deixá-las ocultas" (s/E)*

Quando você consegue ver atrás de tantas "paredes" (raiva, rebeldia, provocação, agressividade, arrogância) o rosto daquela criança, o desamparo daquele adolescente, o medo, a fragilidade disfarçada de pura valentia... é porque você aprendeu a amá-lo... e ele é o primeiro a perceber....

*"Fugir da fome... do abandono... ir para a rua porque é o lugar mais seguro, para ser visto, para ser cuidado... 'perambulando pelas ruas'" (s/T)*

Passam dias e dias na rua... alguns moram na rua... com tantos "perigos" e no entanto tão "segura". Quão terrível deve ser estar em casa...

*"Diante de tanta tragédia, abandono, fome... não estamos falando de vítimas, estamos falando de sobreviventes..." (s/P/P/S/J)*

Que pouco respeito... este adolescente, jovem "inadaptado", arrogante... etc, etc... é aquela criança desvalida, faminta, com frio, com sono... que não conhecia o aconchego de uma "casa" com quartos onde tinha camas, colchão, cobertor, guarda roupas (com roupas para trocar, para escolher, para não saber o que usar...) banheiro, banho quente, sabonete cheiroso, toalha macia.... cozinha, com armário cheio de... louças? Não, comida... estender a mão ou subir no banquinho, abrir a porta e pegar... sentar à mesa e comer, variado, farto, necessário... e a sala... aconchegante, com piso, paredes bonitas, sofá para "esparramar-se" e, por que não, sentir o afago da mãe nos cabelos... sem estresse, o beijo sem cheiro de cachaça... e não precisar se preocupar com se haverá comida!! Sem a preocupação de conseguir comida...

E ele cresceu... e tem hoje muitas dessas coisas.... outras não tem... e às vezes, volta aquele menino abandonado...

*"Desmaiar de fome...." (s/R)*

Sem palavras...

*"... Na verdade... ler a história de uma vida... ler sobre a fome, o frio, estando com o estômago cheio, agasalhado e tomando um cafezinho..." (S/R)*

Precisamos ser mais... precisamos ser menos... donos da verdades, menos senhores do conhecimento.... por que não, mais humildes....

*"Não afastar-se tanto a ponto de esquecer, nem estar tão perto a ponto de se acostumar..." (s/C)*

Aqueles que experimentaram uma situação de abandono, violência, privação e superaram a ponto de reter o fato como "um momento de sua vida", "uma etapa que passou", precisam voltar a ela.... resgatar o sentimento, aquela sensação mais primitiva... para poder aproximar-se, com profundo respeito, da situação do outro, que vive situação "similar" não como uma etapa, mas como fato recorrente. Aqueles que não tiveram esta "sorte" precisam, pelo menos, respeitar. Silenciar antes de dizer "eu sei o que você está sentindo..."

A violência que vejo, ouço, "assisto", por mais que me mova, me deixe indignada, chega a mim "através de"... por mais mal que isto me faça, não é pior do que para aquele que a esta vivendo.

*"O dilema do interesse pelo "bem maior" da criança/adolescente e o interesse da instituição, que tenta "realizar" ou "encaixar" a filosofia às exigências, disputas, "perseguições", individualismos, protagonismos, regras do poder constituído ou auto-instituído.*

*Há este dilema? Deveria existir este dilema se tanto o profissional como a instituição perseguem o bem maior da criança/adolescente?" (s/)*

Não, se de fato for assim. Se acreditarmos no "bem maior da criança" isso **suplantará** nossa "certeza profissional" (que muitas vezes é o revestimento de nossa "certeza pessoal" para sua melhor aceitação –provavelmente um processo inconsciente...), nos levará a fazer a opção correta, mesmo confirmando assim a "certeza profissional" de um colega, com o qual divergi, com o qual não estou de acordo, com o qual.... disputo? Em meio a um emaranhado de situações, formações profissionais, saberes, experiências, frustrações, impotências, etc, etc, Quem está no centro das discussões e decisões? Nada pessoal? Só queremos o melhor para a criança? sobrou algum espaço para a criança? Alguém perguntou a ela? A opinião e sentimento dela, interessam?

Sabemos porque as redes de exploração funcionam tão melhor que as redes de proteção?

*"A pasta do "desabrigado" pertence a quem? À instituição? Quem é seu guardião?" (s/)*

O documento "Orientações técnicas: Serviços de Acolhimento para crianças e adolescentes", aprovado pelo CNAS (Conselho Nacional de Assistência Social e pelo CONANDA (Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente), através de uma resolução conjunta em 18 de junho de 2009, dispõe sobre o tema. A organização dos prontuários e registros individuais, a garantia de sigilo e confidencialidade, a ética na transmissão e manejo das informações. Mas a pergunta vai além da ética, em direção ao "cuidado". O mesmo cuidado com que você trata as fotos de tua família, dos teus filhos, os registros e lembranças guardados como tesouro...

*"Quem te deu o direito de vasculhar minha vida??" (s/D)*

Como você se sentiria se fosse com você? Não permitiria? E seria tachado de arrogante... só se fosse a polícia... ela teria direito partindo do princípio que fizestes algo errado... mas, e eu? Qual foi o meu erro? Ter sido abandonado? Não ter sido suficientemente "bom" para ser amado? Não ser "apto" para o afeto? Eu era apenas uma criança...

*"Quem te revestiu de 'poder' para gritar-me, ou sussurar que seja, minhas verdades mais dolorosas?" (s/M)*

*"\_\_Se emenda garoto! Quem você pensa que é? Valoriza o que você tem! Você não pode voltar pra sua família! Sua mãe não te quer! Você tem do bom e do melhor aqui e não sabe agradecer!"*

Palavras que ficarão gravadas a ferro e fogo.... me desculpe mas, seu cansaço, angústia, frustração não são suficientes para explicar... você é o adulto, você é o técnico, você é o profissional...

*"O que fazer quando a mãe tão procurada e sonhada é encontrada? O que fazer quando se descobre que não era aquela mãe que buscávamos? A esperança era melhor que a realidade?... " (s/E)*

*"Ninguém me conhece... tantos falam de mim.... concluem sobre minhas atitudes... discorrem sobre meus sentimentos... mas não me conhecem.... Dizem conhecer-me e não me conhecem.... É provável que quando dizem amar-me, não me amem..." (s/E)*

*Como uma criança/adolescente volta ao mesmo abrigo ao ser "devolvido" por uma família "acolhedora"? Ele deve ter saído se sentindo "especial" (afinal ele ia ter uma família). E agora, como encarar a todos? "obviamente" vão pensar que a culpa foi dele por não ter dado certo. Um fracasso.... cheio de problemas.... não "merecedor" de ser amado... 'se fosse bonzinho não estaria num abrigo'..". (s/E)*

E não foi? Ele não se adaptou... logo, tem problemas de adaptação.... logo, terá problemas em qualquer outra família.... e seguindo este raciocínio "lógico", terá problemas no abrigo... Coloque-o na lista de "inadaptados", afinal esta lista é de "amplo espectro".... cabe quase tudo. E tranquiliza... como qualquer diagnóstico: agora sim, sabemos qual é o problema...

*"Dor... solidão... abandono... diante dele estes sentimentos me envolveram... e me tomaram... Olhar quieto... passivo... "eu aceito meu destino"... isso é o que eu posso ter... "deixa assim". (s/G)*

Talvez esta tenha sido a maneira que ele encontrou para ter um pouco de paz... não veio da reconciliação com o seu passado, sua história. A dor está ali... só me resta abraçá-lo....

*"(...) o pai social/mãe social/educador/técnico voltou muito nervoso da escola e verbalizou que não quer mais continuar com os cuidados com o adolescente e pede para tomarmos providências." (s/B)*



Será o caso de: "ou eu ou ele?"

Qual é a referência de êxito dos pais/mães sociais, educadores, técnicos, gestores até? O que indica pais sociais "eficientes"? o comportamento das crianças e adolescentes a seus cuidados? Que eles tirem boas notas na escola? Que sejam "bons" meninos? Como "diminuir" a responsabilidade dos pais sociais em relação ao comportamento de uma criança/adolescente? Aumentando a responsabilidade da criança pelo fato.... "ele" (a criança/adolescente) é o "responsável" -leia-se "culpado"..

Qual é a referência de êxito de um pai, de uma mãe? Filhos "bons", adultos responsáveis, bem sucedidos? Ou... crianças felizes, adultos realizados?

*"Mesmo considerando que o profissionalismo é fundamental, uma grande dose de amor é necessária... Para relacionar-se, para ver além de suas agressões verbais, sua arrogância, seu deboche até...." (s/L)*

E quando se conhece a dor e o tormento por trás dessa "capa", não se torna mais fácil, torna-se necessário. Mas saber não é suficiente, nossa memória é seletiva e enganosa.... precisamos ter sempre presente esta verdade.....

.....

Estas reflexões surgiram durante a compilação de dados para o Projeto de pesquisa sobre a realidade dos adolescentes em abrigos e egressados da Fundação Nosso Lar, que está sendo desenvolvido pela instituição. A Fundação Nosso Lar é uma entidade social não-governamental sem fins lucrativos, criada em 1996 para servir de alternativa à situação de crianças e adolescentes órfãos, abandonados ou sub judice, atendendo em regime de casas-lares. Após 14 anos de trabalho com crianças, adolescentes e famílias através do acolhimento institucional e acompanhamento familiar, atualmente a Fundação Nosso Lar passa por um período de mudanças e optou por outras ações para o cumprimento da missão, que é garantir o direito fundamental à convivência familiar e comunitária. Entre estas ações está o Programa de Família Acolhedora e o projeto de pesquisa.

A pesquisa "**Cresci no Abrigo... E agora?**" iniciou-se diante de algumas perguntas e inquietações da entidade e entre seus objetivos está conhecer a realidade de adolescentes e jovens egressados de uma instituição de abrigo, principalmente sua visão do período em que esteve abrigado, a partir de sua vivência atual, ou seja, estando fora do abrigo.

Do levantamento de dados das pastas de **23 jovens egressos**, o resultado de alguns itens pesquisados: a idade média de **ingresso** em instituição de abrigo é de **6 anos** e o período médio de **permanência** é de **10 anos**. A **idade média atual** dos jovens pesquisados é de **20 anos** e o **período de pós desabrigamento** é de **3 anos**. Ao generalizar os dados e buscar a média de freqüência das variáveis pesquisadas, é importante considerar a variabilidade dos indivíduos em alguns itens, considerando os extremos. Por exemplo, no item idade do primeiro abrigamento temos no extremo inferior 6 meses e no extremo superior 13 anos. No item período total de abrigamento temos o tempo maior de 15 anos e o menor de 5 anos.

Estes dados foram obtidos em pesquisa documental e entrevistas a terceiros. O foco da pesquisa será o questionário respondido pelos próprios jovens, que está em processo de tabulação e análise.